

A negligente existência.

A banheira era-lhe demasiado curta para que estendesse as pernas confortavelmente. Dobrava os joelhos e inclinava a cabeça para trás, ligeiramente para o lado esquerdo por causa da torneira dourada que fora comprada em prol de um falso capitalismo de classe média baixa para se colocar num apartamento de um prédio com três andares, como todos os demais daquela rua enfadonha em que o branco se sobressaía, sujo, com um par deles distante noutra cor ténue que se assemelhava a amêndoas da páscoa, de chocolate, na boca de um velhote sem dentes, com ela na boca um quarto de hora e aborrecer-se ou se lembrar que têm diabetes, cuspi-la para a mão, ficar com uma resina chata de açúcar e pousar em cima da mesa para que um dos filhos a limpasse na próxima visita mensal; essa mesma cor, um rosa descolorido e triste, era essa mesmo que pintava outros dois prédios que lá se plantaram; numa das ruas da Meadela.

«Foda-se, preciso de um cigarro, de um cigarro que me leve para outrora em que me distanciava do sabor deles com náuseas ou tonturas, onde era só mais um puto estúpido à porta do liceu, pronto para entrar na aula de matemática a tossir, a mostrar que já tenho catarro com dezasseis anos e parecer mais do que sou...ou era»

Ernesto, diluía-se entre a água e aquela espécie de sabão do século XXI que eram os géis de banho e “outras porcarias” com as quais a mulher lhe enchia as bordas da banheira. Atirou tudo isso para o meio do chão, para perto da porta de entrada, depois fechou-a bruscamente e deixou meia dúzia de velas ligadas; a luz eclipsara-se em toda a rua, talvez devido ao mau tempo, ou pelo puro divertimento de algum empregado que tratasse disso:

«Havia de ser eu lá a trabalhar, fazia destas partidas secas a toda a hora... pois Ernesto, mas talvez não durasses nem um mês lá... eu sei, é por isso mesmo que continuo desempregado!»

Voltara a voltar a os olhos cerrados para o teto, aproveitara o espaço de todos os recipientes tão ditos higiénicos e cheirosos para pôr um cinzeiro detalhado em pura beleza de quatro cantos, verde escuro e lineado com um tom dourado que comprara numa loja de antiguidades à saída das traseiras do centro comercial da cidade do Alto Minho. «coisa barata,

útil... talvez inútil, independentemente da utilidade não vou rever os meus cinco euros» agarrara-se a vários tipos de velharias numa nostalgia hipotética de viver numa geração que não fosse a dele, como se a salvação para o sangue que lhe corre nas veias fosse um deslizar na horizontal cronologia, semelhante às aborrecidas que eram feitas nas aulas de história, onde Ernesto atendia, no básico da Abelheira, que nunca necessitou de ir ou vir a pé para casa, ou de autocarro, os pais ou amigos davam-lhe boleia, portanto pouco soubera o que era passar dificuldades de alguma maneira; insistia que isso lhe amolecera os ânimos e ressentia agora a leveza na pele, por não ter apanhado chuvadas intensas como os demais.

«Espero bem que tenha deixado o maço dentro destas calças, não vou sair daqui por nada! Talvez saia por os cigarros, mas só isso, a Isa pode estar agora mesmo a berrar, de pesadelos, dores, o que quer que seja, que nem ouse incomodar a minha réstia de paz, o pouco que sobrou nesta casa!»

Isa era a mulher de Ernesto, uma mulher pela qual ele optara ficar-se, porque aborrecia-se demasiado para “procurar uma nova” portanto era-lhe mais fácil suportar a que tinha, ainda que fosse esta que o suportava a ele; «aquela mulher ama-me demasiado, pobre coitada, não pode amar-me, ninguém pode» e verificou que o maço alojava-se na algibeira das calças, como previra e como deveria prever uma vez que era a única preocupação diária que lhe ocupava a mente; isso e cafés, amargos cafés, como um psicopata, sem açúcar; outrora, no Liceu de Santa Maria Maior, ainda nos primeiros meses do décimo ano dele, pediu à máquina um café com uma moeda de cinquenta cêntimos, carregou em botões sem noção do que fariam e esta retribuiu-lhe um troco de dez cêntimos o tal café, em copo de plástico

“Líquidos a ferver em plástico dão cancro” avisara-os sempre a professora de físico-química, como uma conselheira do diabo por lecionar a disciplina dos infernos; «pra porra com o cancro, isso não existe» ignorante Ernesto; o primeiro café, fornecido pela tal máquina simpática que lhe cedeu o tal troco e um “aguarde” ou “retire, por favor”, bem educada, estava sem presença de açúcar; ora, não esqueceu a primeira vez desde então, pressionara sempre os mesmos botões, sempre com o mesmo deliciar olhava para o copo encher-se e brilhava-lhe os olhos com o “retire, por favor”; apertava o casaco até cima e levava sempre um cigarro “Português” na mão esquerda enquanto a direita guiava o café, até à mítica entrada, onde um parque de estacionamento enorme separa a entrada do Liceu da café Fátima.

«Porque é que me casei com a Isa? Ela é linda, sim, mas a mãe dela enerva-me, e o pai, e a família inteira... para ser franco a minha família também me enerva. Porque é que não me ponho no caralho? Pois, não tenho dinheiro» há meses que Ernesto estava desempregado, era

licenciado em gestão, assim direcionado por ser filho único e fadado a ficar com os negócios do pai. Havia uma cadeia qualquer de cafés e pastelarias, dava dinheiro mas escasseava em tudo o resto, quando era miúdo o pai estava em casa quando a mãe não estava e quando pernoitava a mãe fazia-se acompanhar de quem dizia ser investidores com reuniões noturnas com gemidos, talvez se devessem à quantidade de lucros prometidos e a felicidade da mãe fosse tanta que gemia num orgasmo ou “tinham um caralho maior que o do meu pai”; felizmente não haviam vizinhos que pudessem comentar e denegrir mais o qualquer conteúdo psicológico do rapaz que restasse porque viviam numa moradia no meio do nada, para os lados do monte na Abelheira.

Depois de incinerar a ponta de um dos tais cigarros portugueses, de maço *soft* e amarelo, cujo o filtro se humedeceu porque levou a mão direita aos lábios, acabada de retirar de um banho maria com as suas partes genitais, os estalidos do tabaco seco deram-lhe prazer, semi provocando-lhe uma ereção, ao de leve, por se relembra dos tempos de Jéssica, a rapariga que conhecera, no Gôndola, o bar ao fundo da Avenida dos Combatentes da Grande Guerra que findava na Praça da Liberdade, uma ironia à realidade em que nenhuma guerra se desencadeia na liberdade, somente para aqueles que partiram; numa noite de verão, quente, em que a Isa ainda era uma mera namorada de algibeira, quase como um simples nome intermitente em meia dúzia de mensagens, apelando-lhe aos nervos carnis com umas quantas palavras fiadas e amorosas, nas quais ele, contrariamente aos números, era terrível.

“Não namoras, Ernesto?”

“Esta noite não, e tu, Jéssica?”

“Também não”, claramente a rapariga, acompanhada de uma amiga, estava com outro rapaz, mais velho, mais pesado e capaz de desmembrar Ernesto no chão daquela pista de dança acolhida a beatas mal apagadas, cerveja vertida e quiçá vômito, ou no pior dos cenários sémen, que certamente, dentro daqueles WC algum se encontraria; outrora ele virava o barco para dentro da sanita, com amigos à porta a observá-lo e a rir, enquanto um desconhecido mictava para o urinol mesmo atrás dele; aquele azul escuro todo dos azulejos davam-lhe voltas ao estômago e as vozes alheias também; consecutivamente também fornicou lá, com Jéssica, Telma, Maria, e mais alguns nomes que não se recordara e torcia para que nenhum dos mesmo fosse masculino.

“Provavelmente a Isa e eu não durámos outro mês, portanto que importa” raciocinava um cérebro em tudo semelhante a uma ervilha em que meramente a cor cinzenta da tal massa diferia da leguminosa; o vestido justo, negro, da Jéssica vidrava-o e o modo como ela se movia, a maneira como dançava na pista... de certo que a miúda andava em aulas de dança, ou pelo

menos era latina, (que era, por ventura, colombiana), com um rabo completamente tangente à perna direita dele, de um modo provocador, tão provocador que o levou a questionar o que fazer com aquilo, até que lha agarrou a anca e deixou-a conduzir, as suas mãos, de seguida a ereção e logo ele tomou rédeas das nádegas dela a saltar contra a zona inferior abdominal.

«Felizmente a Jéssica abortou, não podia ser pai naquela altura. Nem agora.» a ereção dentro do banho tinha desaparecido por esta altura; a lembrança de uma clínica privada, clandestinamente, ou pelo menos com a mentalidade de tal, com um dinheirão investido para matar um primogénito, que nunca veio a ver a luz do dia, tal como o alegado pai, que já raramente a vê porque insiste em metamorfosear-se em morcego, e nunca mais ouvir falar da Jéssica ou dos seus doces beijos, com sabor a morango, no *verano*, como ela dizia, entre os seus lábios com *gloss*, e os seus cabelos dourados, cacheados. «Como será que ela está? Certamente melhor que eu, que paguei tanto e agora serei pai à mesma, de uma criança não traçada desta vez, porque a Isa é cem por cento portuguesa, sim, vem aí um “viriatinho”, orgulhosamente português, quiçá lhe chame António ou Manuel... não, José!» contudo, Ernesto não achava graça nenhuma a si próprio, à muito que parara de rir com as suas piadas merdentas, como lhe dizia Castro, aquele amigo que lhe desgarrava de vez em quando, que só aparecia quando mais ninguém aparecia.

II

«Estou farto desta porcaria. Esta escuridão toda não dá em nada, preciso de ir ao café, ver gente, senti-me menos eu no meio dos restantes que não são eu» pegou nas chaves pousadas com desprezo no *hall* de entrada, após apagar todas as velas da casa-de-banho, sem arrumar nenhuma delas; não se dirigiu a Isa sequer, viu-a entre portas, a massajar a barriga de grávida quase no seu limite, com os pés estendidos para um banco, tornados para a lareira, para se aquecer.

Entrou na viatura de motor sueco, adquirido novo, à cerca de oito meses atrás, com grandes probabilidades de ser na mesma semana em que fecundou a mulher, por cima dela, a olhar para o lado, dirigido ao relógio da mesinha de cabeceira elegante, com um toque *vintage* que tanto lhe agradara, provavelmente da mesma loja onde comprou o cinzeiro do banho; era-lhe mais confortável haver uma nostalgia de uma época que não fosse a dele, não propriamente

por ser melhor, mas por a dele ser pior, sem sequer se puder comparar ambas, por motivos óbvios de lacunas temporais, mas assim creia, porque todos os velhos textos empoeirados e filmes têm uma estética que não lhe afere nenhum sentimento pessoal, sobra-lhe apenas a tal aparência de um nada, um nada mais do que é apenas, e não uma semelhança por associação, como a que fazia todas as manhãs que cruzava a estrada do Jardim da Marginal e via o sol de Inverno a nascer e a refletir-se dolorosamente sobre as águas mortas conduzidas das escadas que se descaíam da biblioteca municipal; essa lembrança da altura em que lá encontrou, num trabalho de grupo manhoso, constituído estrategicamente para se enrolar com a namorada ruiva de um amigo, que nem a essa categoria o podia encaixar, era apenas um rapaz que lhe dava entretenimento, com piadas secas e novidades da época.

Era-lhe tão escassa as amizades que Ernesto se vira obrigado a crescer como um lobo solitário, até a ausência dos próprios pais se tornou uma mais valia para a sua solidão, que inicialmente o magoou, mas rapidamente se apercebeu da bênção que era estar sozinho, num mundo cão, cheio de dor, viu que essa mesma só lhe afetava quando o “outro” entrava em cena, até lá, quando existia por si próprio, sem carência alheia, tudo lhe era facilitado, contudo, um quanto enfadonho; a partir daí surgiram os problemas, a constante procura pelo caos e problemas tornou-se uma adição.

«Vou até ao Girassol, tem lá aquela empregada que me agrada»

O percurso era-lhe familiar, fizera-o muitas vezes, a pé, de carro, sozinho, acompanhado, era como lhe calhava e pouco lhe importava, apenas o café e os cigarros lhe atribuíam propósito.

«Preciso de tabaco, vou ficar lá tempo o suficiente até a Isa adormecer para não ter de a aturar com as lamúrias de desejos de grávida ou quaisquer outras pieguices que inventa»

Parou junto das bombas de gasolina, da parte de trás do liceu, junto da Escola básica Frei, da Repsol; ultrapassara as mangueiras e conduziu até ao local de verificar a pressão do ar dos pneus, com uma extrema ausência de luz e uma entrada para os WC duvidosos, com uma porta apenas. Despreocupado do ambiente, sem reparar sequer que a polícia havia colocado um radar escondido nos arbustos em frente à paragem de autocarros da escola, onde as crianças desde o quinto ano até ao décimo segundo tinham de embarcar, por vezes a pé, para regressar a casa, ou simplesmente caminhar em torno do inferno de tédio que eram as aulas por aquelas bandas com professores monocromáticos para miúdos que viam o mundo com as cores todas, cheios de sentimentos à flor da pele e esperma dentro das calças, ambos ansiosos por se explicar nos mais recatados momentos; os profissionais da educação, os mesmos que Ernesto entendia agora melhor, eram apenas crianças com peso da idade, sem margem de manobra, sem

ninguém que lhes diga que podem ser o que quiserem, porque não podem e engolem sapos todos os dias por verem aquelas pobres almas que chegam ensopadas da chuva às aulas a achar que vão ser alguém, mas não vão, pensam eles, não vão, não podem, não podem nunca ser alguém, eu também me sentei naquela cadeira e não sou ninguém, deduzem-se assim nos melhores dias, autodestrutivos por toda uma panóplia de notícias diárias que os assusta e acorrenta a uma liberdade ilusória; vêem os ataques antisemitas crescer em setenta por cento na França, o presidente americano sem escrúpulos com esfomeados, a ordenar balas em vez de bolos, organizações de extrema direita portuguesa, aleatoriamente a tentar espalhar ódio em escolas com cartazes; a Ernesto nada disto lhe importa, não é professor.

«Quero um maço de Português» sem boas maneiras, que importa a educação se vamos todos morrer, pensava, é uma mera passagem e ainda mais escasso são aqueles segundos de interação com o empregado que trabalha o turno da noite, que, como muitos outros trabalhadores noturnos, verificam constantemente a algibeira em torno do horário, numa procura de quanto mais tempo têm, numa ânsia de ver o filho antes de ir para as aulas, poder lhe dar um beijinho de bom dia e rezar para que não acorde muito mal disposto e o trate mal, porque é demasiado brando para lhe passar um raspanete, devido à constante ausência vai perdendo autoridade e todos os momentos são para aproveitar, mesmo que sejam de infinita dor nas palavras de um criança cheia de sono porque ficou a noite toda a jogar no *smartphone* a ser rude com o pai que se ausenta para lhe pagar o tal motivo de arrogância junta de cansaço.

«Já não temos Português, aliás, a esta hora já está tudo escolhido»

«O que é que tens?» Ernesto não se poupa na posição dos pronomes e a segunda pessoa é a que está mais à mão, “provavelmente um falhado que fez comigo o liceu, findado nestas quatro paredes para pagar um BMW serie 1, ou um de noventas e pouco, exhibir-se na noite, e escapar ao assunto do que fazes quando paga misturas de dez euros a mamalhudas que, assim como o tabaco, aquela hora já estão escolhidas e o carro dele não lhe fará mais nada que consumir uma excessiva parte do salário”, Ernesto prossegue na arrogância quando o empregado lhe diz que só tem Camel de menta:

«Porcaria de menta, porra!»

Pagou-lhe a mais, deixou-lhe o troco e saiu sem lhe dirigir a voz. Entrou no carro com cólera da própria existência, ou simplesmente da existência alheia que de certa maneira o condenava à sua, deu à ignição carregando num botão estrangeiro e esperou mover-se sem sair do sitio.

Começou a chover, o suficiente para ligar as escovas do vidro na segunda velocidade. Ernesto desgostava da chuva, do inverno, do outono e até da primavera, com desculpas diferentes das habituais sociais, sem nexos, findadas num encolher de ombros sem motivo para se justificar perante alguém; ligou o aquecimento em dois botões distintos, acionando também o rádio, com uma música que lhe arrepiou a espinha, talvez das poucas coisas às quais Ernesto fora sensível nos últimos tempos, “Love of my life”, pronunciada pelo Freddie, com a harmonia dos Queen, lembrando as velhas noites, junto ao café Lagosteiro, na praia Norte, com o carro estacionado, a chave do velho Opel Corsa a meia volta para aquecer os joelhos, na companhia de uma rapariga com cachos minuciosos no vasto cabelo semelhante a uma juba negra, com uma pele morena e um tom acastanho nos olhos quase cerrados em prol de um sorriso tão honesto, acompanhado com uma conversação que agradava a Ernesto, sem peso na altura, de responsabilidade; a miúda vivia logo ao fundo daquela avenida, e nunca acontecera nada entre os dois, apesar do palpável desejo que por ali pairava.

«Ernesto, olha! Uma raposa»

Deu-se o tédio, dois meses depois, os joelhos ainda tinham frio, apesar de agora ser um Peugeot 207, a companhia era uma miúda notavelmente mais nova, com olhos azúis, cabelo loiro, escuro, tom de pele claro, bem composta fisicamente, uma boa argumentação também.

«Olha, Ernesto, uma raposa!»

Nada se desenvolveu mais, um virar de costas foi a resolução que se deu em três meses; consecutivamente, a fisionomia das companheiras ia-se alterando, o carro a par delas também, contudo a raposa e os Queen mantinham-se.

«*who wants to live forever?*»

Não lhe agradou nada, minimamente, a ideia de uma vida eterna, principalmente depois de descobrir que a sua linhagem ia continuar, a Isa estava grávida, os seus genes iriam prosseguir por mais uma geração.

III

«Ernesto, onde andas? Preciso de ti»

«Para quê, Isa?»

«Porque estou grávida e tu és meu marido!»

«E?»

«E quero a tua companhia»

«Não, não queres»

«Quero, não queres a minha?»

«Não sei»

«Não sabes?»

«Como é que é suposto saber o que é que nós queremos? A verdadeira liberdade do ser? É uma tontura, disse-me o Castro, no outro dia, que um autor qualquer escrevera isso um dia... eu sei o que devo fazer, todos nós sabemos, está inculcado na nossa cultura, fiz a minha parte toda até aqui, e agora devo trabalhar, sustentar uma família, dar-te uma falsa ilusão de um progresso feminino para achares que mandas em algo, criamos um filho, atendemos aos recitais baratos das escolas, enchemo-nos de tédio, vou-te trair constantemente, talvez tu também o faças, eu descubro, peço o divórcio, deixamos a criança crescer com distúrbios mentais, ou então mato-vos a todos, ou mato-me a mim; não importa, o dever não é o complicado, é fácil entender-se o que deve ser feito, o complicado é perceber-se o que se quer, o que é que realmente queres Isa?»

Por esta altura ela já tinha desligado o telemóvel, mas a Ernesto pouco lhe importara o que ela fazia; estava enfadado com tudo, as palmas da mão foram-lhe as mesmas por anos e anos, sempre as mesmas linhas e as ciganas insistiam no brilhante futuro que nelas viam; que haveria para ser feito que realmente se quisesse? Talvez para isso fosse preciso mudar-se as vontades, mas como se muda as vontades de um homem, ele sabe que está mal com as suas próprias, mas não pode, jamais, mudá-las, porque essas mesmas se moldaram em torno de uma projeção que as linhas temporais e espaciais criaram, nada podia reformular Ernesto. Ninguém lhe apagaria os traumas presentes no subconsciente ou os pesadelos constantes que lhe davam adrenalina, acordavam-no com uma motivação vã que se lhe escapava em segundos porque a emoção, que jamais pode ser forjada por qualquer imagem nos sonhos, transmite-lhe uma sinapse, traduzida num sentimento, esse forjado por toda a virtualidade do mesmo que o acordava com pingos de suor na testa e, entre o sonho e o sono, não existia Ernesto.

«*the show must go on!*»

«Tem, não tem, velha raposa?»

E de todo o tédio que se lhe apoderava havia um veio inconsciente que lhe perseguia no dormir, dentro dos lençóis, e o atirava aos lobos, retomando-lhe para toda a nostalgia, de um tempo dele, com uma perspectiva adulterada, com a vontade de não acordar daquela faca de dois gumes encostada à garganta, a lâmina à temperatura da pele, sem sequer se sentir, meramente uma ardência no degolar ao se deslocar lentamente como uma ameaça defronte para um espelho, a tenaz metamorfose do sangue com o aço quase indivisível provocara-lhe um despertar mais íntimo que qualquer mulher outrora o fizera enquanto deslizava para dentro dela, todo o palpitar das veias, que lhe raivam os olhos e o cegavam momentaneamente era mais que toda a vivência de anos e anos e anos e anos... toda a raiva de músculos a contraírem-se era mais séria que filho prestes a nascer na ala da maternidade do Hospital de Santa Luzia, as contrações da Isa eram cada vez maiores e fora a mãe dela que a acompanhou uma vez que o seu pai falecera durante a gravidez de um AVC ao qual Ernesto permaneceu indiferente, mais emotivo fora o reencontro com a raposa na estrada que leva até ao castelo abandonado da praia Norte entre o mar e os campos de milho, bastos que nem no farol de Carreço acaba; o momento em que o seu filho, de nome já escolhido José, em homenagem ao avô, no exato momento em que ele vir a luz ao fundo da vagina da sua mãe, após romper de um útero confortável para um mundo tedioso, sem que se enforcasse no cordão umbilical, é a vez do seu pai Ernesto, mais um vez arrogante, visionar pela última vez a luz e deixar uma criança órfão, voluntariamente atando o nó numa corda e bramir pelo encontro da paz no caos dos seus últimos, a berrar, como o filho José, a bater as pernas tão desesperadamente feliz, como o seu filho, coberto de sangue e ele de sangue estancado no rosto, a apagar-se uma luz para que outra se acenda e que nunca conheça o enfadonho critério da existência de quem nunca sentiu nada mais que pontadas de vida.

Márcio Luís Lima